



GT 017. Antropologia das Relações Humano-Animal

Andréa Barbosa, Osório Sarandy (UFF) - Coordenador/a, Flávio Leonel Abreu da Silveira (UFPA) - Coordenador/a

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal real?; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tráfico, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislativas, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

"Cidade moderna não é lugar de bicho": reformas urbanas e a repressão aos usos rurais no Rio de Janeiro (1903-1910)

Autoria: Leonardo Soares dos Santos

Neste work examino as transformações urbanas do Rio de Janeiro durante os anos em que Pereira Passos esteve a frente da administração municipal (1903-1906), em especial as que afetaram a relação rural-urbana que se desenvolvia na cidade. Ela era um dos cerne do sistema de abastecimento de gêneros que servia às necessidades da sua população e que remonta ao período colonial. A pesquisa trata, portanto, de um período que o perímetro urbano passa a ser exclusivamente um espaço do consumo. E não mais de produção de alimentos. Assim, analiso como a alteração sobre a leitura que se tinha sobre os antigos arrabaldes (que passa a ser visto como subúrbio) está intimamente relacionada a um processo de ocupação dessa região por grupos sociais que tradicionalmente habitavam as áreas menos valorizadas do perímetro urbano de ocupação mais antiga. Fenômeno este que, de alguma maneira, era captado pelos literatos que utilizavam o Rio como cenário de suas histórias. Mas a mudança sobre a leitura do espaço do subúrbio e da região central não esteve ligada apenas à questão dos grupos sociais que ali se estabeleciam: a relação com determinados animais também foi impactado pelas reformas urbanas. O que procuro demonstrar, a partir dessa situação, é que a modificação do perfil social de vários territórios da cidade teve importantes implicações no convívio das pessoas com alguns animais nesses espaços. E isso se daria principalmente pelo lado negativo: a criação de animais como vaca, boi, galinha, cabrito e porco passou a ser proibido. E tal proibição foi abalisada pelas novas representações então forjadas sobre o centro da cidade, por exemplo. A cidade moderna e "europeia" não deveria, segundo seus intelectuais, comportar hábitos "tão rurais".



Realização:



Apoio:



Organização:

